



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Dezembro

No local das Aparições, realisou-se no dia treze do mês de Dezembro findo, com a solemnidade do costume, a festiva commemoração mensal dos acontecimentos maravilhosos de Fátima.

O dia amanheceu esplendido. Não se divisava uma unica nuvem no azul diaphano do firmamento.

De madrugada a neve cahira com abundancia, cobrindo com o seu manto alvinitente os valles e as encostas da serra. O frio era glacial, apesar da hora adeantada a que partimos de trem por não ter apparecido o automovel que nos devia transportar.

Chegámos á Cova da Iria á uma hora e meia da tarde. Tinha-mo-nos apeado ha poucos momentos, quando ouvimos o toque, tres vezes repetido, de uma campainha. Era o anuncio do *Domine non sum dignus* da segunda missa campal. Celebrava-a o rev. parochio de Santa Catharina da Serra, havendo celebrado a primeira o rev. dr. Manoel Marques dos Santos, professor no Seminario de Leiria. Dirigimo-nos sem demora para o largo terreiro em frente da capella, já occupado por uma grande multidão de fieis, que se conservavam em silencio e de cabeça descoberta. Assistiam á missa cêrca de duas mil pessôas. Aproximaram-se da Sagrada Mesa algumas dezenas de peregrinos que préviamente se haviam confessado.

Cantaram-se com fervoroso entusiasmo, os canticos do costume. Depois da missa cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a benção do Santissimo Sacramento, primeiro aos enfermos collocados dentro do recinto exterior da capella e em seguida a todos os fieis. Por fim subiu ao pulpito o rev. dr. Marques dos Santos, que falou durante meia hora sobre a necessidade e excellencias da virtude da castidade.

Não se observaram desta vez os sinais mysteriosos que nos meses anteriores tinham apparecido na atmosphera e no firmamento, impressionando e commovendo extraordi-

nariamente a multidão assombrada.

Em torno da fonte maravilhosa circulavam constantemente os peregrinos que bebiam e recolhiam em recipientes de todas as formas e tamanhos a água que corria abundante e limpida de quinze torneiras. A's cinco horas da tarde, hora a que iniciámos a viagem de regresso a-travez da serra, eram já bastante raros os devotos que ainda se encontravam rezando as suas ultimas préces junto da branca estatua da Virgem do Rosario, em que o esculptor Fanzeres, de Braga, traduzindo em obra da arte humana a visão dos pastorinhos de Aljustrel, soube imprimir um reflexo visivel da magestade soberana, do encanto celestial e da beleza incomparavel da augusta Mãe de Deus.

V. de M.

«As Novidades»

Sendo a imprensa catholica absolutamente necessaria nos nossos tempos e tendo começado a publicar-se em Lisboa um novo jornal «As Novidades» que se apresenta disposto a seguir á risca as instrucções da Santa Sé e do Episcopado portuguez, recomendamos a sua leitura e assinatura e agradecemos todo o auxilio que lhe possam prestar.

Leiria, 2 de Janeiro de 1924

† José, Bispo de Leiria

Notas e impressões

Devoção do Rosario

Transcrevemos os seguintes periodos de uma interessante carta dirigida ao administrador da «Voz da Fátima» por um nosso amigo da capital que á nobreza da sua linhagem do mais puro sangue azul, allia os delicados sentimentos de uma alma profundamente crente e piedosa: — «Com a maior honra e com muito interesse acceito o offercimento de alguns exemplares da «Voz da Fátima» que deseja enviar com o

exemplar da minha assignatura, para propaganda.

Bastava ser o jornal «Voz da Fátima» dedicado a Nossa Senhora do Rosario para eu (que nada valho) trabalhar um pouco em honra de Maria Santissima sob aquelle titulo, de cujo Rosario sou devotissimo, pois ha muitos anos, desde Setembro de 1900 que rezo, diariamente, por voto os quinze mysterios do Rosario, isto é, os três terços, que só um terço desde creança o rezava junto com meus queridos Paes na capella da nossa casa. Assim, pois, fico inteiramente ao dispôr de V. e, se bem que é certo que nada valho, no entanto com a melhor das vontades farei o que puder.»

A «Voz da Fátima» e o Santuario

Do mesmo illustre e piedoso signatario são as palavras que seguem ácerca do nosso modesto jornalsinho e do projectado santuario commemorativo das aparições. «A Voz da Fátima», devido aos maravilhosos acontecimentos que se teem dado em Fátima com a aparição de Maria Santissima e de que é o portavoz, é um jornalsinho muito querido, muito apreciado, muito lido e que se encontra em todas as casas de familias illustres, não só em Lisboa, como em muitas terras da provincia, que eu conheço e são das nossas relações. Assim se V. concordar, darei um exemplar do mesmo a pessôas que não tenham meios para pagar a assignatura e tambem a algumas pessôas que sejam descrentes, para deste modo, suavemente, lendo o jornal e vendo o assombroso movimento de Fé que se presencinha no dia treze de cada mês, um dia alcancarem de Maria Santissima a graça de se converterem. Eu fiquei maravilhado quando fui á Fátima em treze de Maio ultimo na peregrinação.

Encontrava-me no estrangeiro havia oito annos e estava ansioso de regressar, só para ir a Fátima. Cheguei a Lisboa a vinte e tres de Março ultimo e em treze de Maio seguinte pude ir áquella estancia bendita, logo que os meus affazeres m'o permittiram. Espero em Deus que muito brevemente se possa ver em

Fátima um grandioso santuario como em Lourdes, mas é certo que a autoridade eclesiastica em casos como o das aparições de Lourdes, o de la Sallette e este de Fátima procede sempre com muita prudencia e morosamente e assim não se pôde prever sequer quando principiará a construção dum santuario em Fátima em honra de Nossa Senhora do Santo Rosario.

Ainda a «Voz da Fátima»

De um nosso amigo de Lisboa, alma cheia de entusiasmo pela causa de Deus e da Igreja, recebemos uma bella carta de que transcrevemos algumas phrases: «Rogo a V. a fineza de me dizer quaes as condições em que se pôde adquirir o optimo mensario «Voz da Fátima». Li hoje o n.º 14 e ignorava a existencia de tão boa leitura.

Deve ter um exito retumbante em todo o país tão bella publicação. Tomo a liberdade de lembrar a V. a conveniencia de a enviar aos reverendos parochos de Lisboa. Vendida avulso seria um successo. Para Caldas era de toda a vantagem enviar alguns exemplares de diversos numeros a F.»

El-rei Papão

O numero 51 do semanario independente «Zezere» de Ferreira do Zezere, publica sob esta epigraphe a proposito dos acontecimentos de Fátima um judicioso e bem elaborado artigo editorial de que não resistimos á tentação de transladar com a devida vénia para as calumnias do nosso mensario o seguinte trecho: «Dizia Aristoteles que ha poucos homens livres; quasi todos são escravos das paixões — uns do orgulho, outros do prazer e a maior parte do medo.

O mais medroso de todos os animais é... o homem, — o homem dotado de intelligencia e vontade!...

Por medo o homem diz o que não mente; por medo o homem faz o que lhe repugna; por medo sujeita-se o homem a todos os preconceitos e avilta-se até ao embuste.

A mentira é companheira inseparavel dessa doença da vontade — o medo. Dizia Cicero que a «liberdade consiste em viver para a verdade.» O medroso, renunciando á liberdade e mais bella prerogativa do homem, torna-se escravo da mentira. O medroso mente sempre — mente com as palavras, mente com as obras e até mente com o silencio.

A mentira do silencio é mais commum do que os leitores julgam. Quantas coisas calam os jornaes com medo de desagradar aos seus leitores!...

Vejam o que se passa no nosso distrito.

Concorrem anualmente ao lugar de Fátima — uma charneca de difficil accesso — centenas de milhares de pessoas que afirmam passar-se ali coisas extraordinarias.

Isto não é um facto banal, e os jornaes que tantas columnas enchem de banalidades, não se lhe referem, nada averiguam, nada dizem. Porquê? Não acreditam os nossos colégas nos milagres da Fátima?

Mas não se trata agora de definir se ha milagre ou não, deixemos isso a quem de direito e sigam os crentes a voz da Igreja, aguardem os sabios as conclusões da sciencia; entretanto a imprensa averigüe do que se passa e informe, dizendo só a verdade, *sem medo* de desagradar a quem quer que seja.»

Em seguida o nosso presado coléga, pondo as suas columnas á disposição de quem deseje contraditá-lo, faz um breve relato das circunstancias da doença e da cura de D. Maria Augusta Figueiredo, de Santarem, que sofria horrorosamente, havia três annos, de um tumor de caracter suspeito, segundo a expressão do attestado do seu médico assistente, e que se curou instantaneamente no dia 13 de Maio ultimo precisamente no momento da benção com o Santissimo Sacramento dada pela primeira vez no local das aparições depois da missa campal. A «Voz da Fátima» occupou-se no numero de Junho deste caso extraordinario que tanta sensação fez em todo o distrito de Santarem, onde a feliz privilegiada da Santissima Virgem é muito conhecida.

V. de M.

Fátima

É do numero 109, de Novembro de 1922, da excelente revista da capital «Raio de Luz» o primoroso artigo que a seguir transcrevemos com a devida vénia e cuja publicação honra sobremaneira as columnas do nosso modesto mensario.

Devido sem duvida á penna bem aparada de uma illustre e piedosa senhora e escripto com vivo e profundo sentimento, tão christão e tão português, não perdeu o seu interesse e a sua oportunidade e temos a certeza de que é com o maior prazer espirital que os nossos leitores farão a leitura desse encantador mimo literario.

Primeiro que tudo declaro que em tudo o que vou escrever não quero de modo nenhum anticipar o julgamento da Santa Igreja sobre o que dizem ter-se passado em Fátima.

N'isto como em tudo o mais, submetto-me completamente e com todo o coração ás decisões da Santa Igreja, unica mestra das nossas intelligencias e das nossas almas.

Não venho contar aqui o que já é conhecido de todo Portugal, mas somente relatar as minhas humildes impressões sobre o que vi em Fátima no dia 13 de Outubro passado. Nunca em Portugal se vira espectáculo de fé e de piedade tão commovedor, nunca me sentira num ambiente tão sobrenatural, como o que vi e senti n'esse dia em Fátima. Como os nossos corações se vão afeiçoando a esse sitio outr'ora completamente desconhecido e que hoje, já no intimo da nossa alma, chamamos baixinho a Lourdes Portuguez.

Portugal sempre tem sido filho dilecto de Nossa Senhora, e tem timbrado em Lhe dar as provas mais ternas do seu amor filial. E Maria Santissima tem sempre protegido

com carinho maternal o povo que desde o seu berço a escolhera por Padroeira e que primeiro que todos teve um culto entusiasta pela Sua mais querida prerogativa, a Sua Immaculada Conceição. A doce Padroeira de Portugal tem vindo sempre em nosso auxilio nos transe mais afflitivos da nossa historia, e a Sua poderosissima intercessão tem desviado de nós tantas e tantas vezes o braço da Divina Justiça prompto a castigar-nos.

Portugal ultimamente tem acumulado crimes sobre crimes, esqueceu o Deus que o fizera grande, e baniu-O das suas leis, das suas escolas e das suas familias. A ira do Senhor cahiu sobre nós e o duro castigo nos tem mostrado que a Justiça de Deus não dorme.

Mas no meio da nossa noite tenebrosa, uma Aurora suavissima raiou.

Essa Aurora radiosa e bella raiou em terra sagrada entre todas, na terra sagrada da patria.

Foi perto de Aljubarrota, de Alcobaca, da Batalha; foi no condado de Ourem, pertencente á mais bella e pura incarnação do heroe de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira, aquelle que hoje a Santa Igreja nos manda invocar como o Beato Nuno de Santa Maria. Foi n'esse torrão abençoado que tres humildes pastorinhos dizem que desceu a Virgem Santissima para mais uma vez nos mostrar o Seu Amor Maternal.

E Portugal acorreu pressuroso ao chamamento da sua Immaculada Padroeira, e no dia 13 de Outubro eu vi na Freguezia de Fatima a multidão comprimir-se n'um recinto pequeno de mais para tanta gente accorrida de todo o paiz. Desde a vespera que trinta padres reconciliavam com Deus almas que lhes vinham pedir a santa absolvição, e essas almas, formando circulo á roda do sacerdote que levava o Santo Ciborio, ajoelhavam naquella manhã, para receberem a Jesus Sacramento. E d'ali a pouco já nem assim se conseguia dar a Communhão. O sacerdote já atravessava simplesmente pelo meio dos fieis, que nem ajoelhar podiam, e mesmo de pé recebiam a Jesus, que tantas delicias encontra nas nossas pobres e miserias almas.

E na missa campal na Cova da Iria no lugar mesmo onde dizem ter sido a Aparição, debaixo duma chuva continua, a Communhão durou meia hora, ao som do nosso tão catholico e tão português *Bemdito*. E com que fé, com que respeito, com que fervor os fieis, ricos e pobres, mulheres e homens, iam receber a Divina Eucharistia.

Oh! Mãe de Deus e Mãe nossa, não foste Vós quem nos deste Jesus pela primeira vez, em Belem, a casa do Pão? não sois Vós sempre quem nas nossas Communhões, nos dais a Jesus, o Pão da Vida?

Não é esse o Vosso unico desejo, dar-nos Jesus, para sermos todos de Elle? Portugal andava ha muito longe da mesa encharistica, e percia de fome. Vós vieste e levaste-o A'quele que é o alimento divino dos individuos e da sociedade.

E vêde, Mãe da Divina Misericor-

dia, com que fé e amor Portugal respondeu ao Vosso convite!

Vêde como se ora em Fátima!

O Vosso Rosario era rezado por todos os grupos e que de milhares de Ave-Marias ali se devem ter rezado n'aquelle dial Ellas subiam das nossas almas para o Coração Immaculado de Maria; todos Lhe confiavam as suas dôres e as suas esperanças, e, qual Mãe carinhosa, a todos ouvia, a todos confortava, a todos abençoava.

Todos queriam tocar e beijar a linda Imagem da Virgem, e vi lá uma scena commovedora: uma creancinha ao côlo do pae, enchendo de beijos e de caricias a Nossa Senhora, dizendo-lhe o feliz pae:

«Tens razão, filha, foi Ella que te curou.»

Santa innocencia, que tens todos os privilegios deante de Deus! Resplandecias n'essa creancinha do povo, como n'outra, filha de titulares, essa, ainda doentinha, nos braços da mãe, que orava como as mães christãs sabem orar, abria a boquinha innocente e bebia agua da chuva.

Tinham-lhe dito que a de Nossa Senhora a havia de curar, e ella naturalmente pensava que a que vinha do ceu era com certeza agua que Maria lhe enviava!

Como esta simplicidade deve agradecer a Nossa Senhora! Como Lhe devem ter agradado as ingenuas promessas, offertas de corações gratos ás suas graças! Eu bem sei que em Portugal se abusa um pouco das promessas e que alguns n'isso fazem consistir a sua unica religião.

Mas estas eram as promessas sahidas do coração simples do povo. Davam á Virgem o que tinham: lá estavam amontoadas deante da sua Imagem aquellas promessas tão portuguezas: o oiro, que enfeita as nossas lindas mulheres, as arrecadas, os cordões, os anneis! E ao lado as offertas mais modestas, bôlos e até um prato d'uvas, as nossas tão belas uvas!

Outras mulheres do povo quizeram unir a penitencia ás suas preces e, pacientes na sua fé, percorriam de joelhos o caminho á roda da capella que mãos sacrilegas destruíram, sem se importarem nem da chuva, nem das pedras, nem dos outros fieis que quasi as pisavam. Eram bem as descendentes dos antigos portuguezes, raça de crentes e de fortes, que oravam e sofriam.

E foi Nossa Senhora que nos veio recommendar em Fátima a oração e a penitencia. Ella assim o pediu aos pastorinhos da Cova da Iria, e nós queremos ser fieis ao Seu ensinamento.

Sim, nós Vo-lo prometemos, ó Virgem do Santissimo Rosario, nós vamos rezar com fervor, com devoção a oração que os vossos lábios purissimos nos pediram: o Terço. Nós os Portuguezes que tanto gostamos de enfeitar os Vossos altares com as rosas lindas dos nossos jardins, queremos ainda coroar-vos com as rosas espirituais do Vosso Rosario. O Rosario é a devoção mais simples e profunda que podemos usar, unindo n'ella a oração vocal e a oração mental; roremo-lo pois com fervor.

Mas tambem Vos prometemos, ó Refugio dos peccadores, que não esqueceremos a penitencia. Todos peccamos, todos offendemos o Vosso Divino Filho. Temos que expiar por nós e pelos nossos irmãos.

Em desagravo de tantos peccados que se comettem contra o Coração Santissimo do Vosso Divino Filho, nós offerecemos o sacrificio e a mortificação. Queremos levar uma vida christã a valer, uma vida casta, modesta e humilde, em opposição ao paganismo que por ahi campeia e tenta corromper a nossa raça.

E então nós seremos de novo o povo querido de Jesus e de Maria, a terra do Santissimo Sacramento, e terra de Santa Maria!

M. C. P.

A' Virgem de Fátima

Senhora do Rosario,
Que te dignaste vir
Em corações innocentes
Esp'ranças influir

Do teu celeste manto,
Teu manto alvinitente,
A' sombra acolhe e ajunta
A portuguezsa gente;

Para que um brado unisono
De amor e de carinho,
De gratidão rebôe
Do Algarve até ao Minho,

No dia em que o teu povo,
Erguendo ovante a cruz,
Retome ledô a senda
Que lhe traçou Jesus.

Juremos ante o altar
Do humilde santuario
De cada coração
Fazer um relicario
De amor á nossa Mãe,
Senhora do Rosario!

Outubro 1923.

J. D. de Sousa Aroso

OLHAR PARA O ALTO

Emquanto estudamos as sciencias ou tratamos dos negocios d'este mundo não percamos a Deus de vista. O celebre Ampère, que por sua grande sciencia, foi nomeado inspector da Universidade, escrevia no guia da sua vida:

«Meu Deus, o que são todas essas sciencias, todos esses raciocinios, todas essas descobertas do genio, todas essas concepções que o mundo admira e de que se alimenta tão ávidamente a curiosidade?!

Na verdade, nada, senão puras vaidades. . .

Estuda as coisas d'este mundo mas não as olhes senão com um olho e que o outro esteja sempre fixo na luz eterna.

Escuta os sabios, mas só com um ouvido e que o outro esteja sempre prompto a ouvir as dôces melodias do Amigo Celeste.

Escreve com uma mão, mas que a outra esteja bem segura ao manto de Deus como uma creança se agarra ao vestido de seu pae».

As aparições de Lourdes

VI

Todas descem então para a Gruta, contando umas o que viram e manifestando o receio de que Bernardette succumba á sua piedosa emoção, ficando as outras por sua vez sérias e inquietas.

Bernadette estava de joelhos, no mesmo logar, sem as ver nem ouvir, com os seus olhos expressivos fixos na direcção da pequena abertura ogival negra, por cima das roseiras bravas. Ellas approximam-se, chamam-na pelo seu nome, prodigaliam-lhe palavras affectuosas, tocam-lhe, puxam-na pelos vestidos. A pequena permanece insensível, e o seu rosto apresenta os vestigios, o cunho de uma felicidade ineffavel! Se não responde é porque está morta ou porque vaê morrer! E põem-se a chorar, quando vêem vir ao seu encontro a mãe e a irmã de Nicolau, o moleiro do moinho de Savy. Estas acorreram aos seus gritos de afflicção que tomaram por gritos de soccorro. As pequenas, silenciosas e sérias, mostram-lhes Bernadette sempre em extase. Estas duas mulheres, cheias de respeito como se estivessem na presença de uma santa, approximam-se devagarinho, falam-lhe, tentam chamá-la a si; mas ella não vê senão a Senhora que absorve toda a sua attenção, todos os seus sentidos. Como trazê-la ao sentimento das cousas exteriores, tirá-la desse extase, arrancá-la a essa visão que a captiva? A mãe Nicolau deixa então o grupo das pequenas, e corre ao moinho, donde volta immediatamente com o filho de vinte e oito annos de idade. Este chega, com uma expressão de troça nas feições, julgando encontrar uma rapariguinha que quer tornar-se interessante com os seus ataques de nervos ou com partidas engraçadas. Mas quando se acha em frente da creança, recua com uma especie de veneração, como se elle proprio tivesse visto a aparição e, de braços cruzados, contempla por muito tempo Bernardette.

—Nunca, disse elle mais tarde, um espectáculo tão impressionante se tinha apresentado á minha vista.

Por mais que discorresse, parecia-me que não era digno de tocar nessa creança.

Era aquelle respeito que se consagra invencivelmente a todas as pessoas e a todas as cousas de Deus.

Instado, contudo, por sua mãe, agarra-a com precaução e põe-na em pé, diligenciando fazê-la caminhar. Pega-lhe por um braço, a mãe pelo outro, e ella caminha effectivamente para o moinho de Savy, mas os seus olhos fixam um ente mysterioso que se conserva em frente e um pouco por cima della. Põem-lhe a mão deante dos olhos, obrigam-na a baixar a cabeça, mas ella retoma sempre a mesma attitudé, é sempre attrahida por essa visão estranha que a faz sorrir e que os outros não vêem. Quando chega, porém, ao moinho, volta a si e readquire a consciencia das cousas da vida; então a sua physionomia entristece-se; o que ella contemplava era tão bello, tão celestial, e o que a rodeia agora é tão vulgar! E' o lodo depois do ouro, a pobreza depois da riqueza e dos esplendores da gloria! Interrogam-na; ella repete o que já contou, porque é a mesma aparição, a mesma Senhora:

«Ella tem o aspecto de uma jovem de dezaseis ou dezasete annos. Enverga um vestido branco, apertado á cintura por uma fita azul, que desliza ao longo do vestido. Tem sobre a cabeça um veu igualmente branco, que mal deixa entrever os cabellos e que descobre em seguida para traz até abaixo da cintura. Os pés estão nus, mas cobertos pelas ultimas prégas do vestido, excepto na extremidade, onde brilha em cada um d'elles uma rosa amarella. Do braço direito pende-lhe um terço de confas brancas com uma cadeia de ouro resplandecente como as duas rosas dos pés».

Emquanto ella repete as suas confidencias, com a segurança tranquilla de uma pessoa que viu, e que está vendo ainda, as companheiras dispersam-se pela cidade, contando as suas emoções.

Maria, ao entrar em casa, prorompe em soluços, sem poder fallar; as lagrimas, a oppressão do espirito suffocam-na.

A mãe receia que tenha succedido algu-

ma desgraça e dirige-se a toda a pressa para a Gruta.

Pelo caminho encontra duas outras mulheres que a tranquilizam: «Não aconteceu nada de desagradável á creança, que está a descansar no moinho do Savy, dizem ellas.

Estuga o passo e, á medida que avança, augmenta a sua irritação, o seu descontentamento por Bernardette haver teimado em voltar á gruta, apesar de se ter oposto a isso durante muito tempo. Ella tinha dito: Se não voltardes á hora das vespas, sabeis o que vos espera!» A colera ruge na sua alma e, como é violenta, entretém-se na resolução de applicar castigo severo.

Ella entra no moinho com uma vara na mão e vai direita a sua filha:

— Então, minha grande marota, exclama ella, tu queres que sejamos objecto de mófa de todas as pessoas que nos conhecem? Vem agora para cá com os teus ares seraphicos e com as tuas historias da Senhora apparecida, que eu te ensinarei!

Prepara-se para lhe bater, mas a moleira segura-lhe o braço:

— Que fazeis? diz-lhe ella com vivacidade. Que fez a vossa filha para que a trateis assim? E' um anjo e um anjo do Ceu que tendes nella, ficae-o sabendo!

Não esquecerei nunca o que ella era na Gruta!

A mãe encontra-se então com Luiza Soubirous, que, profundamente emocionada, se deixa cahir numa cadeira, reconhecendo que a moleira tem razão. Bernardette não é culpada porque não partiu para a Gruta senão depois de alcançar licença e quem sabe se Deus não tem a respeito daquella creança designios que ella não conhecê? Atravez das lagrimas contempla a filha e o pranto redobra. Não comprehende o que se passa! Mas, tendo-se desvanecido por completo a sua colera, toma Bernardette pela mão e juntas dirigem-se para o caminho que conduzia á cidade, a mãe enxugando os olhos e a filha voltando-se de vez em quando para contemplar ainda esses logares benditos onde foi tão feliz.

Quem era a Apparição? Bernardette não o sabia melhor que da primeira vez. Tinha rezado, tinha olhado sem interrogar, não pertencendo já a si propria, ou antes não pensando em pedir nada. Era sempre a mesma Senhora, tão bella, tão boa, que lhe sorria e a quem dava todo o seu coração, sem pensar em reservar para si a mais pequena parcella, como não pensava em duvidar. Apenas desta vez se tinha estabelecido uma certa familiaridade e a creança tornava-se mais ousada, porque se sentia como que infinitamente amada.

V. de M.

AS CURAS

Em Lourdes e... em Fátima

De um interessante livro apparecido ha pouco, do Dr. A. Marchand, vice-presidente da secretaria das verificações medicas de Lourdes, vamos traduzir o que segue e que igualmente se applica aos acontecimentos da Fátima:

«Não é sómente com o fim de consolar os sofrimentos da sua creatura que Deus permite a cura dos enfermos.

Se assim fôsse porque é que a Virgem de Massabielle obteria a cura apenas de alguns raros privilegiados? Por muito grande que seja este numero o que é elle em comparação da immensidade de miserias e de enfermidades do genero humano?

Não! Deus tem outros fins mais altos! O seu fim fazendo os Milagres de Lourdes é pôr o sobrenatural em evidencia, é afirmar o seu infinito Poder.

Maria quer que as multidões vejam o milagre em Lourdes para que se-

jam tocadas pela presença de um poder sobrenatural e creiam nelle.

Em volta do santuario de Lourdes, a cura dos enfermos do corpo não é tudo: Ao contacto desses afortunados logares faz-se uma real transformação das almas.

Que espectaculo o de todos esses enfermos estendidos em um leito ha menses e annos! A arte impotente limita-se a condemna-los, *sem nenhuma esperanza* a uma mobilização continua e completa. Reconheceu para sempre toda a impotencia dos seus esforços. Quando os moribundos, cuja vida perdida está prestes a extinguir-se, se põem a caminho, quando os mutilados nos seus cançados e desorganizados carros, tomam o caminho dos Pirineus, suportam com uma coragem heroica todas as fadigas, todas as faltas de comodidade, todos os choques de uma longa viagem.

Nem uma queixa se escapa de seus labios, nem uma recriminação se levanta de seu peito ofegante sustentando-os e transporta-os a Esperança.

Que decepção, que *desespero* se esses infortunados não obtem a realisação de seu ardente desejo! Se os seus membros não conseguem recuperar o seu vigor e agilidade; se as dôres não veem a cessar; se as suas chagas não tapam!

Pois bem — ó prodigio — nada d'isto acontece!

Desde que tomaram contacto com a cidade da préce, desde que levantaram seus olhares para a estatua branca de Nossa Senhora, desde que tomaram o seu primeiro banho na piscina, estão transformados!

Já não é o temor de não serem ouvidos, de ver suas supplicas inefficazes que é o principal objecto do seu pensamento, é a sua submissão completa á vontade de Deus.

Nem um, repito-o, volta desesperado!

Mais ainda! Vivendo no meio dos sofrimentos dos outros, pensa-se quasi sempre, em Lourdes, que se é privilegiado em comparação da quintessencia de miserias fisicas de que se está rodeado. E' esse sentimento que provoca esse outro *milagre permanente* da Resignação.

Todos os doentes, que sem serem curados, retomam o caminho da volta, levam consigo, pelo menos, o reconforto que consola e a esperanza que os sustem.

Emfim, é frequente que de seus labios descorados saia a seguinte oração: «Senhor, não me cureis a mim! Offereço-vos os meus sofrimentos e a minha vida por aquelles que estão mais doentes que eu, pela cura daquelles que sofrem mais que eu.»

Voz da Fátima

Despeza

Transporte	8.339:620
Impressão do n.º 15 (10:000 exemplares)	180:000
Outras despezas.	36:000
Somma	8.555:620

Subscrição

(Continuação)

Agostinho Tomáz Correia	10\$000
Maria dos Santos Bruno (2.ª vez)	5\$000
P.º Manuel Marques Com- bina (2.º anno)	10\$000
De jornaes e percentagem de estampas (Pardêlhas)	79\$000
D. America Bebiana Correia	10\$000
D. Auróra Barrêto Hen- riques	10\$000
Anonima (França)	15\$000
D. Maria Carlota de Mattos Mancellos d'Aragão (2.º anno)	10\$000
D. Maria Julia Caldas Fra- zão (2.º anno)	10\$000
D. Maria do Carmo Landal. Baronesa d'Almeirim (D. Luiza) (2.º anno)	10\$000
D. Maria Luiza d'Azevedo Serra	10\$000
João Sabino Caldas (2.º anno)	20\$000
D. Maria Antonio Caldas Frazão Pinto da Cruz	10\$000
D. Maria Iria Veiga Moniz	10\$000
D. Maria Carolina Mendon- ça (2.º anno)	10\$000
D. Teresa de Jesus Ferreira Marques	10\$000
D. Alda Rita Rodrigues de Oliveira	10\$000
Donativos varios	64\$800
José Augusto Falcão (2.º anno)	10\$000
D. Maria José de Vascon- cellos e Sousa Amado d'Albergaria de Napoles Raposo (2.º anno)	10\$000
Carlos Alberto da Costa Reis	12\$500
D. Ismenia Leite de S. Bar- bosa	10\$000
D. Amelia Maria Torres Santos Nunes da Silva	18\$150
P.º Manuel Antonio da Con- ceição (2.º anno)	10\$000
D. Henriqueta do Rosario Coelho Pereira (2.º anno)	10\$000
Dr. Weiss d'Oliveira (3.º anno)	20\$000
Condessa de Tarouca	10\$000
D. Alzira Vieira (2.º anno)	10\$000
P.º Belarmino d'Almeida Ferreira	10\$000
D. Cecilia Correia Costa (2.º anno)	10\$000
D. Isaura Gonçalves Alves Mathoso	10\$000
D. Saturnina Meirelles	20\$000
P.º Jacintho Antonio Lopes (2.º anno)	10\$000
D. Maria Luisa Paes Men- des	10\$000
D. Ludovina Neves (2.º anno)	10\$000
Maria Emilia dos Santos Cardia Vieira	10\$000
D. Elvira Barbosa Vieira	10\$000
D. Joanna Lucas Trincão	10\$000
D. Rosa Duarte Ribeiro	10\$000
D. Maria de Serpa Pimentel Abel Augusto Ribeiro	21\$000
D. Palmira Serra Alves	10\$000
D. Izabel Virginia Ribeiro da Costa	10\$000
P.º Vicente Martins Tornixa	10\$000
D. Maria José Soares d'Al- bergaria	10\$000